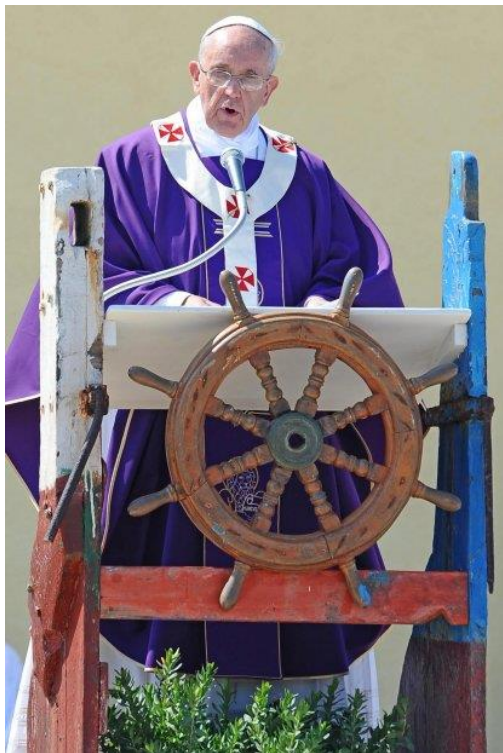


«Che vergogna!». “Que vergonha!» **um grito do papa Francisco**



a “vergogna”
da fronteira com a África



Quando o papa Francisco visitou a ilha de Lampedusa [07.07.2013], onde se concentravam milhares de refugiados a tentar escapar da fome, da violência e da morte, que tanto sofrimento têm causado, não só nos países do Magreb, como em grande parte da África, o papa deixou escapar este grito: «**Che vergogna!**». «**Que vergonha!**».

Os motivos desta vergonha já vêm de longe. A Europa sempre foi demasiado cruel com a África. Mais do que uma vez tive ocasião de o recordar. Já em 1454 o papa

Nicolau V concedeu, ao rei de Portugal, o «direito de invadir, conquistar e submeter à perpétua escravidão os povos que habitam em África» (Bula *Romanus Pontifex*, n. 5. Bull.Rom. V, 113). Esta decisão foi, depois, renovada por Leão X (1516) e Paulo III (1534). Deste modo se «justificou» o colonialismo sobre a África durante vários séculos. A partir de Carlos V, os flamengos da sua corte eram agraciados com toda a espécie de títulos, entre eles, a permissão de transportar escravos negros para as colónias da América. É hoje impossível calcular o número de «peças» (era como lhes chamavam) embarcadas em Luanda. Os que sobreviviam à **travessia do Atlântico**, eram vendidos, sobretudo, no mercado de Cartagena das Índias. Os negros morriam, passado pouco tempo, e só excepcionalmente suportavam sete anos de trabalho contínuo. Foi este o grande negócio de holandeses, belgas, ingleses, portugueses, etc. durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

No século XX foi gigantesco o negócio de minérios, madeiras, pedras preciosas... **em grande parte por se ter realizado de forma clandestina.** Deste modo, o famoso coltânio, o ouro, a prata, o cobre, o zinco, o gálio, o germânio, o cério, o lantânio, o estanho, o níquel, o diamante, o cobalto, o urânio, o magnésio, o tungstênio... renderam lucros de milhões aos comerciantes de meio mundo, em especial aos da Europa. Insisto no negócio do coltânio, mineral que torna possível o reduzido peso dos nossos telemóveis. O coltânio extrai-se, em grande quantidade e de excelente qualidade, no Ruanda e no nordeste do Congo.



“Porta de Lampedusa, Porta d'Europa”

Assim a **Europa desfrutou da África, de acordo com os seus interesses.** É, além disso, um continente que nós europeus temos usado como «pátio de recreio» para caçadas, turismo, aventuras, etc. E agora, quando os africanos, devido à violência suportada, morrem de fome ou se matam uns aos outros, em guerras sucessivas, é a Europa que lhes vende as armas de que necessitam para dar cabo de si. E sendo esta a situação, **quando alguns deles querem entrar na Europa, erguemos barreiras de seis metros de altura, com rolos de arame farpado que lhes causam lesões irreparáveis.** Para não falar dos que morrem em pleno mar Mediterrâneo.

José Maria Castillo. Teólogo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/teologia-sin-censura.php/2016/01/26/la-vergogna-de-la-frontera-con-africa>

«Como é possível falar-se tanto na defesa do nosso civilizado modo de vida e permitir-se que milhares de crianças que buscam refúgio no espaço da União encontrem trágicos destinos depois de registadas pelas autoridades em países europeus?»

Europa perde o rasto de 10 mil crianças registadas como refugiados



Foto de Darko Vjinoviv (AP)

Dez mil crianças que chegaram à Europas fugidas dos conflitos no Médio Oriente desapareceram sem deixar rastros, podendo muitas delas estar a ser exploradas como escravas sexuais e laborais no âmbito de uma sofisticada «rede criminosa pan-europeia», admite a Europol, agência policial da União Europeia. Os desaparecimentos ocorrem já depois de as crianças serem registadas pelas autoridades dos Estados europeus.

Mais de cinco mil das crianças desaparecidas foram registadas em Itália; pelo menos mais mil na Suécia. A Europol começa agora a aperceber-se

de gangs para «exploração do fluxo migratório» actuando, designadamente, na Alemanha e na Hungria, conhecimento decorrente da ocorrência frequente de «conflitos cruzados» entre grupos de criminosos que estão particularmente activos na chamada «rota dos Balcãs». «Há prisões na Hungria e na Alemanha onde a maioria dos detidos são membros de redes de exploração de refugiados», revela Brian Donald, director da Europol, agência de polícia europeia.

Segundo Donald, cerca de 27 por cento de um milhão de refugiados entrados na Europa durante 2015 são crianças, o que significa 270 mil. «Nem todas viajam sozinhas», acrescenta, mas o número das que chegam nessa situação e estão dadas como desaparecidas é aproximadamente dez mil, de acordo com «perspectivas conservadoras». Donald admite que muitas ter-se-ão reunido a membros da família, outras não, mas em todos os casos «não sabemos onde estão, o que fazem ou com quem».

O jornal britânico *The Observer*, o único dos chamados «jornais de referência» europeus que dedica especial atenção a esta tragédia humanitária, relata, por exemplo, o caso das mil crianças chegadas em Setembro passado ao porto sueco de Trelleborg. Todas elas desapareceram durante o mês seguinte e um relatório oficial revelado há uma semana reconhece que as autoridades têm «muito pouca informação sobre o que acontece depois de desaparecerem». No Reino Unido duplicou em 2015 o número de crianças desaparecidas depois de registadas pelos serviços de asilo.

«Estamos perante a forma mais tenebrosa de tráfico de seres humanos e constatamos que, na prática, a resposta comunitária a tal fenómeno está muito longe de corresponder à sua gravidade», afirma um funcionário da Comissão Europeia em Bruxelas. «Nunca como agora foi tão forte a fiscalização dos cidadãos e a cooperação entre os serviços de informações mas, ao que parece, as prioridades são outras que não a preocupação com as mais vulneráveis das vítimas de conflitos nos quais a União Europeia tem inegáveis responsabilidades», sublinha a mesma fonte.

Maryian Berket, responsável da Organização para a Cooperação e Segurança na Europa (OSCE), reconhece exactamente isso: «os menores

desaparecidos das regiões de conflito são, de longe, a população mais vulnerável», afirma.

O director da Europol revelou que agência já possui provas de que um dos destinos das crianças desaparecidas depois de registadas é o circuito das redes de exploração sexual de menores. Ainda segundo Brian Donald, os motivos mais fortes para as guerras de gangs exploradores de refugiados são as disputas de menores para a escravatura sexual e laboral.

«Aqueles que estão nas nossas bases de dados como responsáveis por tráfico de seres humanos começam agora a aparecer também como envolvidos em tráfico de refugiados», admite o director da Europol. Fontes em Bruxelas salientam que a existência prévia dessas informações e a falta de protecção inerente à condição de refugiado em busca de asilo devia ter suscitado a adopção de medidas prévias pelas autoridades. «Era inevitável que as redes de tráfico de seres humanos iriam tirar proveito do maná oferecido pela vaga de refugiados», afirma um alto quadro do Conselho Europeu. “Como é possível falar-se tanto na defesa do nosso civilizado modo de vida e permitir-se que milhares de crianças que buscam refúgio no espaço da União encontrem trágicos destinos depois de registadas pelas autoridades em países europeus?», interroga-se.

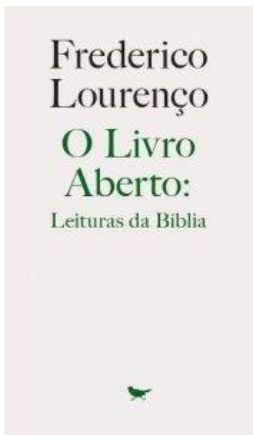
Brian Donald admite que a estrutura criminosa “sofisticada” tem vindo a desenvolver-se durante os últimos 18 meses, o período em que o fluxo migratório atingiu a maior intensidade, visando precisamente» tirar partido» dessa circunstância.

O chefe da Europol considera agora que é indispensável a “vigilância da comunidade” perante este fenómeno. «Estas crianças estão na comunidade e se são vítimas de abuso são-no dentro da comunidade», diz. “Elas não se esfumaram no ar e foram levadas para o meio da floresta; estão no interior da comunidade. As populações devem estar alerta para isso».

João Goulão. Jornalista

<http://mundocaohoje.blogspot.pt/2016/01/europa-perde-o-rasto-de-10-mil-criancas.html>

O Livro Aberto – Leituras da Bíblia



FREDERICO LOURENÇO, professor universitário e tradutor de vários clássicos gregos, acaba de publicar *O Livro Aberto – Leituras da Bíblia* (ed. Cotovia). [...]

No prefácio da obra, Frederico Lourenço escreve: **“ocorre-me que um jovem amigo católico, fervoroso na sua fé e entusiástico participante das atividades da sua paróquia, me disse há tempos as seguintes palavras: ‘tem graça, nunca li a Bíblia’. Se este meu livrinho – na sua forma variada de ir entrecendo reflexões sobre**

diferentes passagens bíblicas – levar alguém a empreender a sua leitura pessoal da Bíblia, dar-me-ei por plenamente realizado.”

Fazendo uma leitura pessoal de vários trechos, personagens e episódios bíblicos, o autor serve-se essencialmente do seu conhecimento do grego, língua em que foi escrito o **Novo Testamento** e a **“Bíblia dos Setenta”** (*Septuaginta*), que constituiu também a Bíblia dos primeiros cristãos.

No livro, Frederico Lourenço parte da questão geral de como é possível ler a Bíblia para se debruçar depois sobre temas e personagens diversos: Ezequiel, Job, Salomão, Ester, Jesus, São Paulo, as formas de leitura dos evangelhos ou os problemas de tradução, entre outros.

Confessando que parte de uma posição não religiosa na aproximação ao texto, o autor diz: **“mesmo não acreditando que a Bíblia transmita ‘sem erro’ a palavra infalível de Deus e duvidando, ao mesmo tempo, que a correta leitura da Bíblia seja relativizar e alegorizar tudo o que lá encontremos que não nos convém, mesmo assim considero o tempo gasto a ler este mais fascinante de todos os livros tempo ganho e (porque não?) infalivelmente bem empregue.”**

http://religionline.blogspot.pt/2015/11/o-livro-aberto-leituras-da-biblia.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed:+Religionline+%28Religionline%29

Francisco e as citações de Roncalli e Montini

No discurso dirigido ao segundo Encontro MUNDIAL DE MOVIMENTOS POPULARES o papa Francisco regressa de novo aos seus três “tês”: terra, teto, trabalho. E a preocupação que Francisco coloca em primeiro lugar, é a urgência de uma mudança, face às situações de injustiça e exclusão.

A reportagem é do *Servizio Informazione Religiosa* (SIR), 10-07-2015.

Mas, o que mais importa destacar, é o facto de o papa Bergoglio iniciar a sua reflexão à luz dos documentos dos seus antecessores. Assim, quando fala de "uma economia de inspiração cristã", capaz de garantir "aos povos dignidade e prosperidade, sem excluir bem algum", chama a atenção para o facto de se tratar de uma citação da ***Mater et magistra*** do Papa Roncalli, de maio de 1961, quando decorria, já há dois anos, o processo de preparação do Concílio, cuja abertura ocorreria no ano seguinte.



É também interessante notar que, ao falar duma economia realmente comunitária, o papa Francisco a definir não só como desejável e necessária, mas também como possível. "Não é uma utopia nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista", e os recursos disponíveis no mundo "são mais do que suficientes para o desenvolvimento integral de todos os homens e de todo o homem", afirmou Bergoglio, citando a encíclica do papa Paulo VI ***Populorum progressio***.

É bom lembrar que Roncalli e Montini são os dois papas que se sucederam nos anos do Concílio. O primeiro foi quem o desejou e o abriu, com aquele maravilhoso discurso que arrancava com as seguintes palavras de abertura: ***Gaudet mater ecclesia***, isto é, alegra-se a Mãe Igreja. O primeiro pontífice a sair da "Auto prisão" vaticana desejada pelos papas, após o histórico episódio da brecha da Porta Pia. Ao dar início aos trabalhos do Vaticano II, Roncalli foi um precursor da Igreja que olha para os últimos e escolhe o remédio da misericórdia, como pede o papa Francisco.

Paulo VI é o pastor que, pela primeira vez, embarcou num avião para levar o magistério da Igreja aos lugares mais distantes. Uma Igreja em saída, diria o bispo de Roma, que olha para as periferias, e pede que os homens acompanhem as mudanças políticas e sociais das nações.